

DIZER A MESMA COISA DE MODO DIFERENTE. POSSIBILIDADES PARA UMA TRADUÇÃO DO ROMANCE PÍCARO

Levy da Costa Bastos

Orientadora: Viviane Gelado

Doutorando

RESUMO: Nesta comunicação discute-se a teoria subjacente à tradução do romance pícaro *Coragem* de Hans von Grimmelshausen. Em tradução, a fidelidade, se buscada com intensidade pode levar à elaboração de um texto que faz desencadear em seu leitor um sentimento de encontro com o que é “estranho”. Esta é também a tarefa de todo tradutor: fazer refletir o estranho na língua materna. Na verdade, trata-se de uma necessidade de toda tradução: fazer emergir a “marca do estrangeiro”. Por isso mesmo é que o tradutor deve saber conciliar a complexidade da língua na qual o texto-fonte repousa e a língua para a qual está traduzindo. Ele deve bem compreender o texto-fonte, mas sem deixar de ser flexível com sua língua materna. A tradução é também uma ação mimética. A *Mimesis* permite mais do que a pura imitação da realidade. Ela não encerra ou esgota na totalidade aquilo que a alimenta. Ela toma a natureza (outro nome para a realidade) e a ressignifica. Por meio dela, a arte enche a natureza de plenitude. Este processo é complexo, visto que demanda que se processe uma ruptura com uma percepção essencialista da realidade. De resgatar o que está “oculto” ou subliminar na natureza, como uma força potencial.

PALAVRAS-CHAVE: Romance Pícaro; Hans Jakob von Grimmelshausen; Tradutologia; Mímesis; Semântica, Fidelidade.



**DIZER A MESMA COISA DE MODO DIFERENTE. POSSIBILIDADES PARA
UMA TRADUÇÃO DO ROMANCE PÍCARO.**

Levy da Costa Bastos
Doutorando/UFF
Orientadora: Profa. Dra. Viviane Gelado

Introdução

Em tempos como o nosso em que a ideia de uma sociedade diversa e plural assusta a não poucos. Quando, por isso mesmo, altos muros são erguidos, vejo a função da tradução se robustecer em importância, especialmente porque sua tarefa vai na direção contrária da construção de barreiras e do erguimento de limites e fronteiras. Traduzir é também percorrer tempos e espaços diferentes dos nossos. É ir ao encontro de uma outra realidade. Vejo, por isso mesmo, o ato de traduzir como uma metáfora para o êxodo. Saída de um mundo seguro na direção de uma nova morada. Com toda a estranheza que isso pressupõe. Neste sentido estamos todos em constante imigração. Traduzir será, então, uma espécie de desvestimento. Trocam-se roupagens e adereços, permutam-se e intercambiam-se ornamentos que, não poucas vezes têm significação e beleza circunscritas ao seu mundo de origem. Toda tradução traz em si uma forma de estranhamento. Isso se ela tem o desejo de ser um verdadeiro encontro de entes distintos e, paradoxalmente, iguais. Que aspire a ser um ato cultural.

Traduzir é falar muitas línguas. Toda tradução é, então, uma reedição do evento da antiga Babel de que fala o primeiro livro de Moisés, ainda que às avessas. Já não nos interessa construir uma torre tão alta que alcance os céus, nem tampouco ansiamos por tornar célebre o nosso nome (Gn. 11,4). Em Babel falava-se uma única língua, a pluralidade e a diversidade surgiu (paradoxalmente) como uma maldição. Deus interdita o propósito das nações de chegar tão alto quanto Ele. Confunde tudo e todos. Povos próximos se tornam distantes. A unidade fundada numa única língua já não existe mais.

A tradução, toda tradução, surge como uma tentativa de superar as distâncias. Mas, sem suprimir as muitas línguas. O mito bíblico de Babel é retomado no Testamento cristão em Pentecostes. Muitos povos, com muitas línguas se reúnem com um propósito unificador. Eram “homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo do céu.” (At. 2,5). O Pentecostes não suprime a diversidade nem a pluralidade. Partos, Medos e Elamitas, continuam falando suas línguas de origem, mas ainda assim todos se entendem. São muitas vozes. Muitas culturas. Está aí já a marca inapagável do estrangeiro.

Uma mulher de coragem.

Neste trabalho, nos ocupamos de discutir as premissas para a tradução do romance pícaro *Coragem*, de Hans Christoffel von Grimmelshausen. Tomamos como base o texto editado por Dieter Breuer, em diálogo sua tradução intralingual realizada por Reinhard Kaiser. *Coragem* foi publicado pela primeira vez em 1668. Há exatos vinte anos depois do fim de uma das mais sangrentas guerras, na qual os alemães se viram envolvidos. Trata-se de um monumento que denuncia a monstruosidade dessa Guerra que durou três décadas e jogou na pobreza e sofrimento três quartos da população alemã. A um só tempo, *Coragem* é um manifesto de oposição à belicosidade humana, mas também um panfleto de contracultura: realça o papel de uma mulher num mundo marcadamente androcêntrico. Historicamente, as guerras têm sido “coisa de homem”, mas Grimmelshausen vale-se de uma mulher para construir sua narrativa. *Coragem* é a protagonista de uma história entrecortada de engano, malandragem, preconceitos e crítica sutil e mordaz à Guerra dos Trinta Anos. *Coragem*, o romance, é por isso mesmo um manifesto pela paz. Servindo-se da roupagem do Pícaro espanhol, do qual é dependente, mas não de forma servil, Grimmelshausen conta os desenganos e peripécias da menina cândida que se converte em malandra para sobreviver.

Hans Jakob Christoffel von Grimmelshausen é muito pouco conhecido no Brasil. Poucos são os trabalhos monográficos que têm se debruçado sobre este autor, de modo particular e sobre a literatura barroca alemã de um modo geral, se comparado com outros temas ou períodos. Contra esse quadro limitante está a tradução brasileira feita em 2008 por Mario Luiz Frungillo de “*O aventureiro Simplicissimus*”. Mas também a ausência de resenhas

sobre a referida obra já indica que o interesse sobre Jakob von Grimmelshausen e sua obra ainda é incipiente. Se abre, por certo, perspectivas para melhor compreensão da produção artístico-cultural alemã, tanto nos seiscentos, como nas gerações que a este sucedeu. Grimmelshausen é ponto de partida para a literatura alemã, tanto em seu período clássico (o chamado *Goethezeit*), quanto para os estilos e gêneros daí derivados. Acabou por se converter numa das figuras fundamentais da literatura alemã. A ele se referem ou dele se nutrem, de modo explícito ou latente, uma geração de escritores alemães, desde Goethe, passando pelos românticos, chegando a Bertold Brecht e Günther Grass. Jakob Christoffel von Grimmelshausen é, sim atualíssimo também porque, na aridez de seu tempo, soube detectar a necessidade de poetizar a paz. Fez-se um crítico de sua geração. Em Grimmelshausen, a literatura vai à guerra, mas como sua denunciadora. Ele se converte naquele que desaloja o conforto dos que cultivam a “arte de marte” no seu quotidiano. Ele transcende, por isso mesmo, seu tempo.

A obra de Christoffel von Grimmelshausen é, por que não dizer, um manifesto de atrevimento e rebeldia, pois nele se ousa pôr em questão uma sociedade, mais que isso, um tempo contaminado pela cultura da guerra. Naquilo que narra, ele se ri da própria desgraça. Coragem é simultaneamente vítima e algoz. Mas, na sua totalidade, as personagens de Grimmelshausen são, cada uma ao seu modo e nos limites da ficção, expressão de seu antagonismo explícito à Guerra dos Trinta anos. Na verdade, todo o *Ciclo simpliciano* pode ser interpretado nesta perspectiva: um manifesto anti-guerra. Trata-se da elaboração de um discurso onde a cultura da paz está onipresente, ainda que às vezes de forma irônica ou paradoxalmente velada.

Coragem é um romance pícaro de estrutura autobiográfica. É introduzido por meio de uma declaração ou nota explicativa. Sua causa é contada como uma forma de vingança. Daí o título: “*Trutz Simplex*”. No romance *Coragem* é oferecido uma descrição pormenorizada e surpreendente dos feitos, aventuras e desventuras de uma mulher que foi enganada por Simplicíssimo. Mas, na verdade, o verdadeiro enganado foi ele, pois pensou ter sido o primeiro a possuí-la. O romance *Coragem* narra a vida da menina Libuska, que aos 13 anos de idade tem de se vestir de homem para escapar da violência da guerra. Num tempo em que

mulheres eram humilhadas pelos soldados vencedores. Quando o estupro era prática de retaliação recorrente, só os trajes de homem, a poderiam salvar. Recebe o novo nome Janko e se torna cuidadora de cavalos de um Capitão, mas numa luta corporal é agarrada por um soldado na genitália e desde então, passa a ser chamada de Coragem. A palavra ganha sentido duplo. O primeiro era uma expressão pejorativa para vagina, mas com o tempo, por conta de sua bravura e valentia, metamorfoseia-se o sentido. Ela passa ser conhecida como mulher destemida, a Coragem. Note-se que neste momento, já havia sido desvelado seu segredo. Não é mais uma mulher vestida e com traços e trajes masculinos, mas uma mulher que espanta a todos por sua capacidade de lutar, como se homem fosse. É algo como uma sexualidade complexa, sempre por se definir. Coragem deixa transparecer a ideia do gênero como uma possibilidade, como uma realidade em construção. Coragem relata as idas e vindas, as agruras, de uma mulher a procura de si mesma. Alguém que nunca soube quem eram seus verdadeiros pais. Disso só é informada na vida adulta, por sua pajem dos tempos de infância. A mesma que recomendou que ela se vestisse de homem para salvar a vida. Coragem almeja encontrar sua identidade, mas também a felicidade. Nesta sua busca, casou-se quatro vezes e em todas não foi feliz ou foi assaltada por infortúnios da vida, pois enviuvou reiteradamente. Coragem é, antes de mais nada uma “existente”.

Fiel à estrutura do gênero pícaro, esse romance fala das ambiguidades do caráter, das (in)decisões éticas da vida. Aqui a heroína é relatada como *castha et meretrix, simul*. De menina cândida e inocente, Coragem foi pervertida pelos acontecimentos de sua vida. Acabou por entender as “manhas” do mundo e tonou-se adestrada para a arte da guerra. Da “guerra pela vida”. Descobriu que para sobreviver tinha que dar seus “pulos”. Se especializou na arte de saquear, além de fazer fortuna com a prostituição. Por fim, fez-se comerciante, terminando a vida como cigana. Num contexto de religiosidade luterana pietista, foi acusada de bruxaria. A superstição reinante acaba quase por leva-la à fogueira. Se disso ela escapa, não se pode dizer o mesmo quanto ao juízo e ao preconceito reinante: para muitos ela trazia mal agouro. Aproximar-se dela poderia causar a morte.

Tradução como compreensão dos significados.

Toda tradução, implícita ou explicitamente, presume uma concepção de fundo. Uma teorização. Em nosso caso, nos deixamos orientar por uma concepção de fundo: Dois aspectos perpassam a teoria tradutória aqui utilizada. A primeira delas reconhece na tradução uma busca dos sentidos ou dos significados. Não traduzimos palavras isoladamente, mas blocos comunicativos com um sentido completo. Esse sentido se metamorfoseia na medida das diferentes línguas. Uma vez que as mesmas são produtos culturais, sempre em câmbio, as significações não são realidades estáticas. São sempre uma busca sem definição com valor definitivo. Tradução é, por isso mesmo, tarefa para um determinado tempo, sempre demandando renovação, refazimento. São sempre legítimas, portanto, novas traduções dos mesmos textos.

As grandes questões que tocam a tradutologia estão imbricados não somente aos temas da teoria literária, mas também aos da linguística, mais especialmente no âmbito da semântica. O significado das palavras é, por excelência, um fato linguístico. Neste sentido pode-se ver a tarefa do tradutor como a de alguém que recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. A tradução envolveria, assim, duas mensagens equivalentes (JAKOBSON, s/d., p. 65).

Uma língua põe em jogo conjuntos de símbolos que veiculam significados. E o significado é exatamente o que deve ser preservado numa tradução. Este é seu único elemento constante. Excetuando-se em textos de poesia, a forma teria valor secundário. Pode-se dizer que o que se espera de uma tradução é que nela seja mantido o significado presente no texto-fonte. (KLEIN, 2002, p. 301). Antoine Berman vai criticar os tradutores que simplificam a grandeza e, por que não dizer, complexidade da tarefa da tradução em mera justaposição de termos ou expressões equivalentes noutra língua.

Um segundo aspecto orientador da tradução é seu reconhecimento como um ato hermenêutico. Todo tradutor tem diante de si uma escolha. Ele opta por um conceito, um sentido, uma expressão que melhor ou mais se aproxima daquilo que está dito ou pensado no texto fonte (TF). Traduzir é compreender. É, assim, uma atividade sob risco do acerto e do equívoco. É obra inacabada. Na busca pela interpretação de um texto, a tradução não depende somente do contexto linguístico, mas também de algo que está fora do texto. O que pode ser

chamado de informação acerca do “mundo” do texto. Isso fará com que diferentes traduções alcancem diferentes resultados, mesmo se debruçando sobre os mesmos textos-fonte.

Numa hipótese absurda e irrealizável de que se pudesse adquirir um conhecimento “misterioso” que permitisse reconstituir plenamente o contexto vivencial do autor ou do processo de surgimento do texto-fonte a ser traduzido, mesmo assim isto não “equivalaria” a dizer que tal tradução reproduz com fidelidade absoluta o que o autor realmente quis dizer em outra língua. A isto se deve acrescentar a verdade de que as línguas, todas as línguas, são produtos culturais incompletos. Todas estão num processo de construção e reconstrução. Formação e deformação. Estão mesmo em devir. De fato, a hermenêutica põe no seu devido lugar a reserva diferencial que marca a distância entre quem traduz e a comunidade interpretativa do autor ou do texto-fonte. Ao traduzir, o que somente se pode fazer é expressar uma visão desse autor e de suas intenções, numa perspectiva dada.

Realizamos uma tradução reconhecendo a diferença e a identidade entre línguas. Trata-se de um paradoxo: entre textos distintos, há uma permanente equivalência e uma constante dessemelhança. Estas podem ser explícitas, subentendidas ou a construir-se. Mas aqui se entende as equivalências como uma possibilidade de aproximação. Ao traduzir tentamos dizer, com outras palavras, o que parece ter sido dito na língua fonte (TF), ou língua de partida.

Condição de uma tradução assertiva é sua lealdade ao texto fonte. O tradutor é livre, enquanto é fiel. Mas essa busca por fidelidade não está imune de riscos. Em tradução, a fidelidade, quanto mais intensamente buscada, mais pode levar à elaboração de um texto que faz desencadear em seu leitor um sentimento de encontro com o que é “estranho”. Esta é também a tarefa de todo tradutor: fazer refletir o estranho na língua materna. Na verdade, trata-se de uma necessidade de toda tradução: trazer em si a “marca do estrangeiro”. Por isso mesmo é que o tradutor deve saber conciliar a complexidade da língua na qual o texto-fonte repousa e a língua para a qual está traduzindo. Ele deve bem compreender o texto-fonte, mas sem deixar de ser flexível com sua língua materna (SCHLEIERMACHER, 2002, p. 73-77).

Fidelidade e liberdade se harmonizam com uma outra demanda: a necessidade de que haja uma relação de dependência e comprometimento, assumida ou não, entre o tradutor e

seus leitores. Aqui pode-se falar de circularidade da tradução, pois é construída na base ou em consideração de ambas as fidelidades: aquela que é devida ao autor do texto de partida e a que se deve ao seu leitor originante.

A tradução revela-se, assim, como uma ação mimética. A *Mimesis* permite mais do que a pura imitação da realidade, posto que ela não encerra ou esgota na totalidade aquilo que a alimenta. Ela toma a natureza (outro nome para a realidade) e a ressignifica. Por meio dela, a arte enche a natureza de plenitude (LIMA, 1980, p. 49). Este processo é complexo, visto que demanda que se opere uma ruptura com uma percepção essencialista da realidade. De resgatar o que está “oculto” ou subliminar na natureza, como uma força potencial. Para isso demanda-se do tradutor o uso da imaginação (*phantasia*) (LIMA, 1981, p. 227). O tradutor, como o autor de segunda hora, é alguém que, num ato de verossimilhança, se debruça sobre a vida, sobre a sua história e, mimeticamente, a corrige (NUNES, 1989, p. 41). Desta forma se pretende alcançar a voz da tradução e nas “diferentes” vozes na tradução. Ele mescla a voz ou marca identitária do autor do texto fonte com a sua própria. Identidade paradoxal, pois combina semelhança e distinção entre si e seu texto referente.

REFERÊNCIAS:

BERMAN, Antoine, *A prova do estrangeiro*, Bauru: EDUSC, 1984.

JAKOBSON, Roman, *Linguística e comunicação*, São Paulo: Cultrix, s/d.

KLEIN, Wolfgang, O que a tradutologia pode esperar da linguística? In.: HEIDERMAN, Werner, (org.), *Clássicos da teoria da tradução*, Florianópolis: EDUSC, 2002.

LIMA, Luiz C., *Mimesis e modernidade. Formas das sombras*, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

NUNES, Benedito, *Introdução à Filosofia da arte*, São Paulo: Editora Ática, 1898.



**Anais do VIII Seminário dos Alunos dos Programas
de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF
Estudos de Literatura**
